



ESTADO DO PARÁ
CÂMARA MUNICIPAL DE BELÉM
GABINETE VEREADORA SANDRA BATISTA


Presidente

0524

PROJETO DE LEI

MODIFICA O NOME DA "RUA 13
DE MAIO" PARA "RUA
EDUARDO ANGELIM" E DÁ
OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

A Câmara Municipal de Belém estatui a seguinte lei:

Art. 1º - Fica modificado o nome da "Rua 13 de Maio", no bairro da Campina, no centro comercial de Belém para "Rua Eduardo Angelim".

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Salão Plenário Vereador Lameira Bittencourt, em 18 de Janeiro de 2016.


Vereadora SANDRA BATISTA



02A

ESTADO DO PARÁ
CÂMARA MUNICIPAL DE BELÉM
GABINETE VEREADORA SANDRA BATISTA

JUSTIFICATIVA

“Fica à Cabanagem a glória de ter sido a primeira insurreição popular que passou de simples agitação a uma tomada efetiva de poder” (Caio Prado Júnior, Evolução Política do Brasil)

A maioria dos cidadãos de Belém acredita que a “Rua 13 de Maio” no bairro Campina, no centro comercial de Belém tem este nome por conta da Abolição da Escravidão no Brasil, assinada pela Princesa Isabel. No entanto a história do nome dessa rua na verdade tem haver menos com eventos históricos nacionais e muito mais com a história local da Cabanagem e de figuras como Antonio Vinagre e Eduardo Angelim. Em poucas palavras, a Rua 13 de Maio, já teve o nome de Rua Formosa e Rua da Paixão até receber o nome atual, não em comemoração a Lei Áurea, mas sim ao dia em que as forças legalistas (do Império do Brasil) retomaram Belém, em 1836, após embates com os cabanos.

A Cabanagem foi um dos levantes populares, com maior participação de membros da população realmente das classes mais carentes e pobres que se rebelaram contra a miséria, o abandono e o descaso dado à província do Grão Pará pelo governo imperial do Rio de Janeiro, tornando-se uma das mais grandiosas revoltas dessa época no Brasil.

Ângelo Madson em “A Revolução Cabana: a saga de um povo”, afirma que o processo de luta contra o domínio português é antigo e duradouro. “A Amazônia possui longo passado de agitações políticas e sedições populares e uma boa maneira de entendermos as causas remotas da Cabanagem é o acompanhamento das lutas populares contra o projeto colonialista e absolutista: Três anos após a fundação de Belém, os Tupinambás atacaram o Forte do Castelo no afã de arrasar o foco da ação colonizadora. No ano de 1723, o lendário Cacique Ajuricaba convenceu comunidades indígenas no Rio Negro a se unirem numa confederação sob o lema: “Essa terra tem dono”

Gabinete Vereadora SANDRA BATISTA
Trav. Curuzu, 1755 - Marco - Belém - PA
Tel: (91) 4008 2224



ESTADO DO PARÁ
CÂMARA MUNICIPAL DE BELÉM
GABINETE VEREADORA SANDRA BATISTA

A ameaça aos representantes imperiais ficou tão forte que em 7 de janeiro de 1835, os rebeldes atacaram e tomaram Belém a capital da província em apenas um dia, instalando Governo Popular. Em agosto de 1835, os rebeldes entraram na cidade novamente. O bairro da Campina foi o palco de muitas dessas lutas que se estenderam por nove dias, encerrando após a fuga da tropa governista.

O momento mais culminante dessa batalha foi o Embate dos Mercedários. Na época, o convento da Igreja das Mercês era um depósito de pólvora e armas, o que seria crucial para os cabanos. Durante o embate 800 cabanos morreram na ação, entre eles o líder Antônio Vinagre.

Os cabanos (ribeirinhos, tapuios e índios destribalizados) possuíam uma eficiência organizativa impressionante, resistiram bravamente até o final. Ainda no governo, ganharam apoio dos nativos da região, setores da classe média e do baixo clero.

Já no ano seguinte, Belém foi sitiada e bombardeada até **13 de maio de 1836**, data da expulsão definitiva dos Cabanos de Belém, quando as tropas legalistas retomaram a capital, ainda restando o fim da guerra pelo interior da província até 1840.

O **13 de maio da rua, marca a derrota Cabana**, um movimento que poderia ter feito do Pará um novo país, com uma história diferente da que se conhece hoje. E devido a seu caráter contestador e revolucionário é pouco evocada pelas autoridades nacionais e estaduais desde então.

Nesta ocasião 30 mil pessoas são mortas durante a repressão, quase um terço da população da província. Os "homens de cor" tornam-se suspeitos e são perseguidos. Uma tropa composta por pessoas de fora da província é formada. Algumas nações indígenas foram exterminadas. Alguns grupos rebeldes ainda resistiram, até negociarem uma anistia, em 1839.

Eduardo Francisco Nogueira, nasceu em Aracati no Ceará em 6 de julho de 1814 e morreu em Barcarena em 20 de julho de 1882, foi um revolucionário brasileiro, um dos principais líderes da Cabanagem. A chegada de Eduardo Francisco Nogueira ao Grão-Pará remonta à década de 1820, fugindo de uma seca que assolou sua região de origem nestes anos.

Gabinete Vereadora SANDRA BATISTA
Trav. Curuzu, 1755 - Marco - Belém - PA
Tel: (91) 4008 2224

032



042

ESTADO DO PARÁ
CÂMARA MUNICIPAL DE BELÉM
GABINETE VEREADORA SANDRA BATISTA

Devido ao seu espírito de luta, foi apelidado de "Angelim", por ser esta ser uma típica madeira muito resistente da região amazônica. Já com 19 anos ele participava ativamente da política da província. No Brasil do século XIX, lutou pela autonomia da província do Grão-Pará - atual estado do Pará, cujas estruturas políticas monarquistas e plano de governo nada tinham de vantajosos em relação aos dos portugueses recém-afastados, prosseguindo no isolamento e marginalização da Amazônia, aliás, visíveis ainda hoje, comparando-se aos grandes centros urbanos do Brasil.

Sempre contou com o apoio de sua senhora, Eloísa Clara, que, diz-se, aconselhava-o sempre que Angelim agia. Revolucionário, partidário da Cabanagem sendo inclusive o terceiro presidente cabano. Preso no Acará em 20 de outubro de 1836 em meio ao labirinto aquático da Amazônia foi conduzido à capital Belém pelas tropas do marechal Francisco Soares Andréas, e enviado a julgamento no Rio de Janeiro, seguindo para a ilha de Fernando de Noronha, onde foi exilado. Retornou ao Pará em 1851, depois de 15 anos preso em Fernando de Noronha.

O terceiro presidente cabano havia sido capturado em 1836, pelo então presidente Francisco José de Sousa Soares de Andréas, sendo enviado à Fortaleza da Barra, para posteriormente ser enviado ao Rio de Janeiro. Depois de julgado, Eduardo Angelim recebeu a anistia imperial, porém voltando a envolver-se em questões políticas acabou por ser exilado.

Depois do seu retorno ao Pará, não se envolveu mais em política. Morreu em 20 de julho de 1882, sendo enterrado na capela do Engenho de Madre de Deus, na ilha de Trambioca, em Barcarena. O Retorno de Angelim foi considerado um fantasma da Cabanagem pelas autoridades da época.

Apesar de não se envolver mais em política de forma direta, pelo período que lhe restou de vida, a simples existência de Eduardo Angelim era uma contestação ao statu quo da política provincial. E mesmo assim ele foi perseguido até o fim da vida. E é por este e outros motivos que se justifica a mudança no nome da "Rua 13 de Maio", no

Gabinete Vereadora SANDRA BATISTA
Trav. Curuzu, 1755 - Marco - Belém - PA
Tel: (91) 4008 2224



050

ESTADO DO PARÁ
CÂMARA MUNICIPAL DE BELÉM
GABINETE VEREADORA SANDRA BATISTA

Bairro Campina, no Centro Comercial de Belém para "Rua Eduardo Angelim", por este ter liderado a indignação dos habitantes destas paragens contra o abandono relegado pelo governo imperial e o anseio de liberdade do nosso povo.

Não podemos nos afastar destes ideários presentes em tempos atuais, pois a Cabanagem nos deixou um legado de bravura que neste seu aniversário de 180 anos na luta dos explorados e oprimidos, expressos nas lutas dos sem terra, dos sem tetos, dos ribeirinhos dos rincões do Pará, da juventude negra que é exterminada nas periferias das nossa cidades, das aldeias indígenas abandonadas a própria sorte e das mulheres que enfrentam diariamente a violência.

A mudança do nome da rua é uma homenagem que a nossa geração presta à Cabanagem e ao seu líder maior, pois este é um dos poucos momentos na história do Brasil onde o povo toma o poder e forma um governo popular.


SANDRA BATISTA
Vereadora